

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
16 de novembro de 2023
OS PEQUENOS GRANDES MUNDOS DE NICOLAS PHILIBERT

DE CHAQUE INSTANT (2018)

Realização: Nicolas Philibert / Com a participação dos supervisores e dos estudantes de enfermagem do IFPS da Fundação Oeuvre de la Croix Saint-Simon, Montreuil/ **Câmara:** Nicolas Philibert / **Assistentes de câmara:** Rémi Jenquin, Aurélien Py, Camille Clément, Pierre-Hubert Martin, Cécile Philibert / **Montagem:** Nicolas Philibert / **Assistente de montagem:** Janusz Baranek / **Som:** Yolande Decarsin, Romain Ozanne, Emmanuel Croset / **Colorista:** Christophe Bousquet / **Assistente de produção:** Cécile Philibert / **Direção de produção:** Cédric Ettouati

Produtor: Denis Freyd / **Coprodutor:** Norio Hatano/ **Produzido por** Archipel 35, France 3 Cinéma, Longride com a participação de Ciné+, France Télévision, e Les Films du Losange, DocFilm International, Blaq Out, UniversCiné e com o apoio de La Région Île-de-France, em parceria com CNC, e European Union Europe Créative MEDIA program

Cópia digital, a cores, em francês, com legendas eletrónicas em português / **Duração:** 105 minutos/ **Estreia mundial:** 3 de agosto de 2018, no Festival de Cinema de Locarno, na Suíça / *Primeira exibição na Cinemateca*

Que saisir sinon qui s'échappe ?

Que voir sinon qui s'obscurcit.

Que désirer sinon qui meurt, Sinon qui parle et se déchire ?

Yves Bonnefoy

DE CHAQUE INSTANT cruza dois universos (ou duas temáticas) frequentes na filmografia de Nicolas Philibert: a educação e os processos de aprendizagem, e o funcionamento das instituições de saúde. Nos seus trabalhos anteriores, Philibert explora o universo da educação e da aprendizagem em contextos singulares, frequentemente marginalizados e invisibilizados e, por isso, desconhecidos do público. Em LE PAYS DE SOURDS (1993), retrata as dificuldades numa escola para crianças surdas e em ÊTRE ET AVOIR (2002) visita uma turma de uma escola primária composta por alunos de idades muito díspares. Já em LE MOINDRE DES CHOSES (1997) e SUR L'ADAMANT (2023), Philibert explora o quotidiano dos pacientes e dos cuidadores de duas clínicas psiquiátricas em França, traçando, no filme mais recente, uma reflexão em torno do tratamento psiquiátrico e da saúde mental, partindo não apenas da perspetiva dos pacientes, mas também dos cuidadores. De certa forma, o filme que hoje vemos, DE CHAQUE INSTANT, antecipou esta abordagem, abrindo caminho para o mais recente trabalho de Nicolas Philibert.

Em DE CHAQUE INSTANT, o realizador foca-se numa figura que, de certa maneira, está presente em grande parte das suas obras (e em todas aquelas aqui mencionadas), o cuidador; desta vez, observando-o e “representando-o” através da figura da enfermeira. Para isso, Philibert encena um exercício de desconstrução: o que nos mostra não é o trabalho quotidiano destes profissionais, mas sim os elementos que o *enformam*, o percurso que é completado por todos aqueles que tomam a decisão de se tornarem enfermeiros, os seus desafios e medos. “Quando se vê uma enfermeira a realizar um procedimento normal, uma injeção, uma recolha de sangue, parece muito simples, é fluido... A menos que se esteja na profissão, não se pode imaginar tudo o que está envolvido, as regras de higiene, os protocolos, os mil e um pormenores

que a destreza foi gradualmente apagando”¹. Assim, ao deslocar a observação para o processo de aprendizagem por detrás desta profissão, o documentário revela aquilo que, como o realizador refere, o tempo e a experiência tornaram impercetível. Esta nova perspetiva permite ao espectador compreender a verdadeira complexidade deste trabalho, que vai para além da já desafiante tarefa de desempenhar atividades difíceis e de grande responsabilidade, lidando com pessoas em situações vulneráveis.

“Todos os anos, dezenas de milhares de jovens estudam enfermagem. Entre cursos teóricos, exercícios práticos e estágios no terreno, têm de adquirir muitos conhecimentos, dominar muitas competências técnicas e preparar-se para assumir grandes responsabilidades.” No Institut de Formation Paramédicale et Sociale da Fondation Oevre de la Croix Saint-Simon, Nicolas Philibert acompanha e filma este percurso, que se divide em três fases – o curso teórico, o trabalho prático (com manequins, outros colegas e atores) e, finalmente, o estágio; em cada uma destas fases, acompanhamos as dificuldades dos estudantes, ouvimos os seus comentários e observações.

Na representação das atividades práticas do estágio, em que os estudantes encontram, pela primeira vez, situações e pacientes reais, a perspetiva escolhida é, fundamentalmente, a do estudante-enfermeiro; os pacientes que vamos encontrando (mesmo aqueles que aparecem repetidamente) são personagens pouco exploradas, como se a sua presença no documentário fosse apenas um pretexto para representar os protagonistas deste filme (os enfermeiros) e a sua história. A representação do lugar do paciente (mesmo com os manequins, ainda antes do estágio) é simplesmente resultado da necessidade (obrigatoriedade) da sua existência para a criação da figura central deste documentário; isto porque, não existe cuidador sem paciente. A opção de deixar este lugar “em aberto” permite que ele seja ocupado pelo espectador, que se revê no lugar do doente (posição que terá já assumido ou que sabe poder vir a assumir na vida real). O espectador é assim confrontado com os seus próprios sentimentos: como se sentiria a ser tratado por aqueles alunos-enfermeiros?

DE CHAQUE INSTANT divide-se em três partes ou, como considera o realizador, três movimentos distintos, cada um com a sua própria melodia. E, como assinala o seu autor, esta divisão da ação permite que o filme adquira, progressivamente, intensidade e emoção: as aulas teóricas e práticas da primeira parte dão lugar ao estágio com pacientes e, finalmente, às reflexões/avaliações sobre essa experiência em contexto real. Nesse último capítulo, talvez o mais interessante, os estudantes confrontam-se com a discrepância entre as suas expectativas e a experiência em contexto hospitalar e, num ambiente seguro e acolhedor, elaboram reflexões e partilham as dificuldades, os desafios, as frustrações e os sentimentos que experienciaram quando confrontados com determinados doentes, patologias e procedimentos. “Estes momentos são ainda mais preciosos agora que o mundo dos cuidados, cada vez mais submisso à gestão e ao desempenho, parece já não se preocupar muito com a forma como os prestadores de cuidados se sentem, apesar de sabermos que a qualidade dos cuidados depende, em grande medida, da forma como eles são capazes de os realizar, da sua capacidade de pôr em palavras as suas experiências emocionais e de se distanciarem delas.” É por isso interessante que estas sejam as observações de estudantes, figuras que se encontram algures entre o profissional e o aprendiz, o observador curioso e interessado, mas também mais crítico. Nicolas Philibert coloca a temática da aprendizagem enquanto desejo, vontade de aprender, de inserir-se na sociedade e tornar-se útil (na entrevista mencionada, refere que filmar a aprendizagem é filmar este desejo).

Num filme que se apresenta como homenagem a estes profissionais de saúde, estas observações e reflexões, baseadas e ancoradas em experiências reais e concretas, adquirem ainda uma tonalidade quase poética quando montadas nos diferentes capítulos, sob os versos de Yves Bonnefoy : O que é que podemos agarrar se não o que escapa? / O que é que há para ver se não o obscurecimento? / O que podemos desejar se não morrer, se não falar e se despedaçar?

Sara Oliveira Duarte

¹ Todas as citações e referências foram retiradas da entrevista a Nicolas Philibert disponibilizada no dossier de imprensa do filme.